

ENTREVISTA COM BORIS SCHNAIDERMAN*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i33p379-382>

Boris Schnaiderman¹

Daniel Cantinelli Sevillano: Professor, eu gostaria que o senhor me falasse qual foi a sua formação acadêmica.

Boris Schnaiderman: Eu sou engenheiro agrônomo de formação, fiz o curso na Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro e fui contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1960, no curso livre de língua e literatura russa. Em 1963, esse curso passou a fazer parte do Departamento de Línguas Orientais, como curso regular da Faculdade, concedendo diploma de bacharel e licenciado. Antes de ser contratado, lutei na 2ª Guerra Mundial, na Força Expedicionária Brasileira.

DCS: o senhor foi o primeiro professor de russo da Faculdade?

BS: Sim, fui o primeiro professor de língua e literatura russa da Universidade de São Paulo. Esses cursos começaram a se organizar em diversas universidades do Brasil nessa época, em parte graças ao entusiasmo criado pelas conquistas espaciais russas. Mas, quando houve o golpe de 64, o curso de russo da USP foi o único que continuou suas atividades, enquanto os demais cursos acabaram. Foi com muita luta que nós conseguimos manter o nosso curso funcionando, pois éramos extremamente visados pelos militares. Eu cheguei a ser preso em sala de

* Concedida a Daniel Cantinelli Sevillano, sob a orientação do professor Sedi Hirano, em ocasião das comemorações dos 70 anos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Originalmente publicada em *Informe*. Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, v. 1, Ed. Especial, p. 174-6, São Paulo, 2004.

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

aula. O curso de russo tinha, no início, uma existência bastante precária. De acordo com a legislação em vigor, um aluno que entrava num curso de línguas orientais tinha a possibilidade de mudar de curso no 2º ano. Assim, muitos alunos usavam o curso de russo como trampolim para se formarem em português. Isso criava um descontentamento entre os outros professores que ficavam sobrecarregados com a grande quantidade de alunos. Depois, isso foi alterado.

DCS: O senhor participava de algum partido político?

BS: Não, eu não participei de nenhum partido no período da repressão. Fui muito visado pela ditadura, mas nunca tive nenhuma atividade política. Eu fui visado porque, quando acontecia alguma injustiça, eu protestava. Fui preso várias vezes por causa disso.

DCS: O senhor participou dos fatos na Maria Antonia em 1968?

BS: Não, pois naquela ocasião eu estava na Cidade Universitária, dando aula. Depois do primeiro ataque do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), eu fui até a sede da Faculdade, que já estava bastante danificada. Vários professores estavam na Maria Antonia e eu fui até lá prestar-lhes solidariedade. No segundo dia dos ataques eu não estava lá, mas antes disso eu tinha estado no prédio dando um plantão, combinado entre os professores que simpatizavam como o movimento estudantil para proteger a Faculdade e os estudantes, quando houve uma agressão do CCC, em que eles chegaram a jogar coquetéis molotov.

DCS: Que cursos de Letras estavam na Cidade Universitária?

BS: Os cursos de línguas orientais já estavam no campus.

DCS: O senhor foi preso em sala de aula?

BS: Houve uma ocasião, depois do AI-5, em que nós estávamos numa Assembléia geral dos professores; naquela ocasião, a USP foi cercada e fomos todos levados para o CRUSP. Mas eu consegui fugir. Escapei porque o coronel que dirigia o Inquérito Policial Militar (IPM) da USP me confundiu com Boris Fausto e , por isso, ele queria me pegar. O prédio estava cercado, mas eu consegui fugir e sair do campus. Eles com certeza não esperavam que alguém se atrevesse a agir daquela maneira.

DCS: O Senhor ajudou algum professor a passar por barreiras policiais? O prof. Antonio Candido disse que em uma ocasião ele ajudou um colega a passar por uma dessas barreiras.

BS: Não, nunca tive essa oportunidade. O caso do Prof. Antonio Candido é muito diferente: ele realmente teve uma participação admirável em todo o processo. Acontece que eu fui preso em sala de aula porque protestei quando os policiais entraram na sala e pediram os documentos de todos os presentes. Eles entraram pela porta dos fundos e pediram licença, ao que eu respondi que, como eles estavam entrando pela força, não tinham que pedir licença nenhuma. Quando eles pediram nossos documentos, eu joguei minha carteira de identidade em cima da mesa e protestei violentamente. Daí fui preso e levado para o DOPS. Eu passei por várias prisões, inclusive na Operação Bandeirantes (OBAN), na Rua Tutóia, uma organização da polícia com o Exército que recolhia contribuições de particulares. Eu protestava muito, e, além disso, tinha um filho na guerrilha. Por isso era muito visado: professor de russo, com um filho na guerrilha e que protestava muito.

DCS: O senhor acompanhou a transferência dos cursos da Faculdade para o CRUSP após a expulsão dos estudantes?

BS: Essa é uma história muito longa. Os primeiros cursos transferidos para lá foram os cursos de orientais. Ajeitaram algumas salas, só que eram salas muito pequenas, que não comportavam todos os alunos. Então eu me recusei a dar aula naquele lugar, mas a Diretoria insistiu que as aulas tinham que ser dadas lá. Eu não dei aula, fiquei na porta da sala dando plantão enquanto meus assistentes davam as aulas. Depois eu fui convocado para uma reunião dos Departamentos de Letras, e lá apresentei meu relatório. Numa ocasião expus meu ponto de vista para o diretor, mas ficou tudo por isso mesmo. A diretoria estava me ameaçando, mas não tomou nenhuma iniciativa. Acontece que na USP os professores eram contra o regime militar. Mesmo os que haviam simpatizado com o golpe estavam revoltados com a violência e, no fim, nada aconteceu. Preciso reconhecer que não sofri consequências maiores.

O Prof. Eurípedes, Diretor na época, me criticou por ter discutido com um major. Eu respondi que havia seguido minha consciência. Mas eu não tinha nenhuma vinculação política, e na polícia eles deviam saber disso, porque senão eles teriam tomado providências mais drásticas. Depois desses acontecimentos, as aulas continuaram a ser ministradas. O CRUSP não comportava os alunos do curso de russo; havia alunos parados no corredor. Após um período, foram construídas as Colmeias, onde eu dei

aula, em condições bastante precárias. A questão do espaço, no entanto, havia sido solucionada.

DCS: O senhor se aposentou em que ano?

BS: Eu me aposentei em 1979, mas continuei dando aulas na pós-graduação e orientando muitas teses. Eu me aposentei principalmente para me ver longe da burocracia, das reuniões infrutíferas; eu não gostava de política universitária, meu temperamento não era adequado para isso. Mas continuei trabalhando, era o que os professores em geral faziam. Participei do Conselho Editorial da Revista USP por muitos anos, depois de aposentado.

DCS: E como o senhor se sentiu sendo agraciado com o título de emérito?

BS: Fiquei muito lisonjeado, e só posso dizer muito obrigado.

Boris Schnaiderman nasceu na Ucrânia e veio com os pais para o Brasil aos oito anos de idade. Formou-se na Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro. Naturalizou-se brasileiro nos anos 1940 e se alistou para lutar na II Guerra Mundial como sargento da FEB. Começou a fazer traduções de autores russos em 1944 e a colaborar na imprensa brasileira a partir de 1957. Desde então, publicou diversos livros sobre cultura e literatura, além de versões para obras de Púchkin, Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, Górkki, Maiakóvski e outros. Mesmo sem ter estudado formalmente Letras, foi escolhido para iniciar o curso de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo em 1960, instituição onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1979, e pela qual recebeu o título de Professor Emérito em 2001. Ganhou em 2003 o Prêmio de Tradução da Academia Brasileira de Letras e, em 2007, foi agraciado pelo governo da Rússia com a Medalha Púchkin, em reconhecimento por sua contribuição na divulgação da cultura russa no exterior. Faleceu em 18 de maio de 2016, aos 99 anos de idade.